

Suicídio entre indígenas no Brasil: uma realidade alarmante que exige atenção

ANA PAULA CHIARELLI¹; TUANE SILVA JAMBEIRO²; MARCONDY MAURÍCIO DE SOUZA; HELOISA HELENA DUVAL DE AZEVEDO

¹Universidade Federal de Pelotas – contatoanapaulachiarelli@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tuanesilva38@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marcondy.mauricio@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – -profa.heloisa.duval@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A diversidade cultural que caracteriza o país é acompanhada por uma situação alarmante de aumento nas taxas de suicídio entre as diversas comunidades indígenas (LOIOLA PONTE DE SOUZA, 2014). O suicídio é considerado um fenômeno social complexo, onde são encontradas diversas definições na literatura, porém de acordo com o CID-10, o suicídio pode ser compreendido como um óbito proveniente de lesões autoprovocadas intencionalmente, através dos mais diversos métodos (CID-10, 1993). Suas causas variam e podem ir desde fatores socioeconômicos, a motivos religiosos, perpassando pelos psicológicos e até mesmo os genéticos.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 700 mil pessoas morrem por ano por suicídio, o que representa uma a cada 100 mil mortes notificadas, sendo a décima causa de morte no mundo, com incidência aumentada nos últimos 50 anos. Além disso, o Ministério da Saúde reconhece a população indígena como vulnerável e com alta incidência de problemas psicossociais, tais como a dependência química (álcool e outras drogas), uso abusivo e inadequado de medicamentos psicotrópicos, suicídio e violência (BRASIL, 2017a).

Emile Durkheim (1897) concluiu que o suicídio se trata de um fenômeno cuja taxa varia inversamente com a integração dos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte. Em vista disso, o presente estudo dessa problemática visa compreender os fatores que contribuem para o aumento das taxas de suicídio entre os indígenas. Aspectos como a exposição a culturas ocidentais, ocorrência de bullying nas escolas, conflitos familiares, o consumo de álcool, entre outros, têm sido apontados como relacionados ao aumento desse cenário (LOIOLA PONTE DE SOUZA, 2014; SILVA et al., 2018; MALTA et al., 2017).

Destaca-se ainda que as crianças indígenas são mais afetadas, apresentando taxas de mortalidade por suicídio superiores às de crianças não indígenas (SOUSA et al., 2017). Diante dessa realidade, é essencial refletirmos sobre o tema e fomentar discussões com o intuito de encontrar soluções efetivas para enfrentar essa situação delicada. Ao compreender as peculiaridades e desafios enfrentados pelos povos indígenas, será possível desenvolver estratégias que promovam a saúde mental e o bem-estar, buscando prevenir novos casos de suicídio e fornecendo o suporte às vítimas e suas famílias.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo consistiu em uma revisão literária de artigos disponíveis na plataforma PubMed e Google Acadêmico. Foram empregadas as palavras-chave "Indigenous population", "suicide", "Brazil", "suicídio" e "povos indígenas" para realizar a busca. Os artigos foram selecionados por título, resumo e leitura completa, priorizando aqueles que tratavam especificamente do suicídio entre a população indígena no Brasil. A análise dos estudos abrangeu um período significativo e diversas abordagens metodológicas foram consideradas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão literária realizada sobre o suicídio entre a população indígena no Brasil revelou informações alarmantes sobre a temática. O país é o de maior número de grupos indígenas na América Latina, com uma população estimada entre 817.963 e 896.917 indivíduos, desses, 36,2% vivem em área urbana e 63,8% em área rural, divididos em 305 grupos étnicos e que falam 274 línguas diferentes. A maioria dos grupos indígenas se concentra nas regiões Centro-Oeste e Norte, incluindo os estados do Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, entre outros. (LOIOLA PONTE DE SOUZA, 2014).

A taxa de mortalidade por suicídio dentro dos hospitais psiquiátricos é grande, cerca de 3 a 12 vezes maior do que na população geral, tendo como principais diagnósticos a depressão e o alcoolismo. Outro fato alarmante é que dentre todas as etnias, os povos indígenas possuem as piores estatísticas e prevalências na associação entre suicídio e transtorno psicológico.

A taxa de suicídio entre a população indígena brasileira tem aumentado significativamente. Em 2005, a taxa anual nacional de suicídio foi estimada em 5,6 por 100.000 habitantes, aumentando em 33,5% durante a década de 1998-2008. Esses números podem estar subnotificados, sendo observadas variações importantes entre os estados, com uma relação direta proposta entre as taxas de suicídio e a proporção de indígenas na população. Por exemplo, o estado do Amazonas, que possui 30% das terras indígenas do país, apresenta uma taxa de suicídio de 26,1 por 100.000 habitantes, sendo que os indígenas representam apenas 4,8% da população total, mas são responsáveis por 19% de todos os suicídios (LOIOLA PONTE DE SOUZA, 2013). São inúmeros os fatores que levam a este alto índice de suicídio, mesmo com uma alta taxa de terras demarcadas, pois, além da demarcação é preciso a gestão e proteção destes territórios, em especial com a presença de não indígenas e da urbanização da população indígena, que lavam o aumento de fatores de risco como o consumo de álcool e conflitos (SOUZA et al., 2020).

Todos esses dados alarmantes levantam a discussão sobre a diversidade étnica brasileira e suas necessidades, tendo a saúde como principal foco. Sabemos que a OMS afirma que o conceito de saúde vai muito além da ausência de doenças, compreendendo um estado pleno de bem estar físico, mental e social. Apesar de a saúde mental não ser claramente mencionada, nela está claro que todos os povos, sem distinção, têm direito ao acesso de cuidados médicos e psicológicos.

O suicídio entre os indígenas afeta diferentes faixas etárias, incluindo crianças. Estudos mostraram que mais de 90% dos casos de suicídio avaliados nessa faixa etária apresentavam sintomas que preencheriam critérios para o diagnóstico de transtorno mental (BERTOLOTE e FLEISCHMANN, 2002). As altas taxas de suicídio entre crianças indígenas estão concentradas em 17

municípios, especialmente nas áreas sudoeste do Amazonas, noroeste do Amazonas e sul do Mato Grosso do Sul. Nessas áreas, o suicídio é um importante problema de saúde pública não apenas entre crianças indígenas, mas também na população nativa em geral (SOUZA, 2019).

No Brasil, a população indígena apresenta alguns dos piores indicadores sociais, apesar de possuir proteção da Saúde indígena e promoção a ambientes saudáveis garantidos pela Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, garantidas, desde 1999, através do Sistema Único de Saúde (SUS) e sob responsabilidade da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a maioria ainda não possui abastecimento de água e saneamento básico, o que pode interferir diretamente nas condições de saúde mental desta população. Além disso, diversos fatores têm sido associados ao aumento das taxas de suicídio entre os indígenas, como a escassez de terras para práticas tradicionais de subsistência, conflitos familiares, uso abusivo de álcool, problemas na escola e abuso infantil. A desintegração das famílias, a falta de sentido de vida e futuro, além de questões históricas e culturais, também contribuem para essa vulnerabilidade (LAZZARINI et al., 2018; COLLOMA et al., 2006; SOUZA e ORELLANA, 2013).

É importante destacar que as altas taxas de suicídio entre os indígenas não podem ser compreendidas isoladamente, pois estão interligadas às condições socioeconômicas desfavoráveis enfrentadas por essas populações. A pobreza, a falta de acesso a serviços de saúde adequados e a perda de territórios originais têm impactos significativos na saúde mental e no bem-estar dessas comunidades (SOUZA e ORELLANA, 2012). Outros pontos que também podem ser destacados para maior compreensão destes altos índices de suicídio, é a falta de proteção e a demarcação dos territórios indígenas, problemas esses, que perpetuam deste o período colonial, e está diretamente ligado a cultura destas populações, pois, sem a terra, não conseguem viver do seu modo tradicional, praticando suas tradições, costumes, rituais, dentre outros pontos que estão diretamente ligado a sua ancestralidade e a identidade do seu povo, e que trazem sentido a vida, a existência como indivíduo e coletivo, além das ligações espirituais do contexto indígena (SOUZA et al., 2020)

Além disso, há uma preocupação especial com os grupos étnicos específicos, como os Kaiowá/Guarani, cuja taxa de suicídio é 19 a 40 vezes maior do que na população brasileira em geral. Essa situação tem sido associada à perda da pátria nativa e ao confronto dos valores modernos com as tradições ancestrais (COLLOMA et al., 2006).

As intervenções para combater o suicídio entre a população indígena carecem de um olhar singular e profundo e, por isso, devem ser culturalmente sensíveis e multidisciplinares, envolvendo antropólogos, profissionais de saúde de modo geral e lideranças indígenas. Além disso, a promoção da saúde mental e a prevenção de agravos devem ser prioridades nas estratégias de enfrentamento desse problema de saúde pública, buscando atender às necessidades específicas dessas comunidades (SOUZA e ORELLANA, 2013).

4. CONCLUSÕES

Diante da análise realizada, é importante problematizar os fatores que agravam essa situação, como, a ineficiência dos serviços de assistência em lidar com a diferença e a rasa reflexão sobre o tema dentro da formação dos profissionais que atuam nessa área, portanto fica evidente a necessidade de

ações urgentes para enfrentar essa problemática. O estudo identificou fatores preocupantes correlacionados ao aumento das taxas de suicídio nessas comunidades, tais como a exposição a culturas ocidentais, conflitos familiares, abuso infantil e consumo de álcool.

A prevenção do suicídio entre os indígenas requer esforços conjuntos da sociedade e do governo. É fundamental oferecer suporte e assistência às vítimas e suas famílias, assim como desenvolver estratégias que valorizem as tradições e costumes dos povos indígenas. Ao compreender as especificidades e desafios enfrentados por essas comunidades, poderemos encontrar soluções efetivas para combater as taxas alarmantes de suicídios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLETE, J. M.; FLEISCHMANN, A. Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. *World Psychiatry*. 2002 Oct;1(3):181-5. PMID: 16946849.

COLLOMA, V. L.; COLLOMA, V. L.; SUICIDE AND ITS CONTEXT AMONG THE GUARANI-KAIOWA IN THE SOUTH OF MATO GROSSO DO SUL. ALTERNATIVA HUMANITAS. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270837191_Suicide_and_its_context_among_the_Guarani-Kaiowa_in_the_south_of_Mato_Grosso_do_Sul. Acesso em: 20/07/2023.

LOIOLA PONTE DE SOUZA, M. S. Mortalidade por suicídio entre crianças indígenas no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35, 2019.

LOIOLA PONTE DE SOUZA, M. S. Suicide among the indigenous people in Brazil: a hidden public health issue. *Rev Bras Psiquiatr*. 2014 Oct-Dec;36(4):259-60. doi: 10.1590/1516-4446-2014-1570. PMID: 25650671.

LOIOLA PONTE DE SOUZA, M. S. (Org.). Suicídio entre povos indígenas no Brasil: dimensões históricas, políticas, culturais e psicossociais. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2013.

MALTA, D. C.; MOURA, L.; DE LIMA, C. M.; SILVA, J. B.; ANDRADE, A. L. S.; DE MOURA, L.; ALMEIDA, W. S.; LUCAS, E.; GOULART, E. M. A.; DE LIMA, R. B. Suicide in Brazil, 2011-2015: the importance of data to face the challenge. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2017.

ORELLANA, J. D. Y.; BASTA, P. C.; SOUZA, M. L. P. Mortalidade por Suicídio: um enfoque em municípios com alta proporção de população autodeclarada indígena no Estado do Amazonas, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 16, p. 658-669, 2013.

SILVA, R. B. C.; BOROWIECKI, A. R. L.; SOUZA, M. L. P. Problemáticas que envolvem crianças indígenas na Amazônia: uma revisão sistemática. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. e184366, 2018.

SOUZA, R. C. S.; DAVID, H. M. S. L.; LOIOLA PONTE DE SOUZA, M. S. O fenômeno do suicídio entre crianças indígenas no Brasil. *Psicologia em Pesquisa*, v. 11, 2017.